

# Alckmin não decola, e banqueiros começam a aceitar Jair Bolsonaro

**Bloomberg**

Cristiane Lucchesi e Felipe Marques  
04/09/2018 | 12h14



Ouvir texto



Imprimir



Comunicar erro

Fátima Meira/Estadão Conteúdo



Há uma piada circulando entre os banqueiros sobre **Geraldo Alckmin** (<https://noticias.uol.com.br/politica/politicos-brasil/2018/presidente/br/07111952-geraldo-alckmin.htm>), o candidato preferido do setor financeiro para se tornar presidente nas eleições de outubro: Alckmin é o genro que todo pai gostaria de ter, com apenas um problema - as filhas não se apaixonam por ele.

Alckmin, ex-governador do estado de São Paulo, promete privatizar ativos do Estado, cortar gastos e equilibrar o orçamento do governo. Sua equipe econômica é altamente respeitada e ele tem apoio político suficiente para aprovar reformas no Congresso. Mas ele está em quarto ou quinto lugar nas pesquisas e é improvável que passe do primeiro turno das eleições, em 7 de outubro, de acordo com o Eurasia Group.

Sobra para os banqueiros **Jair Bolsonaro** (<https://noticias.uol.com.br/politica/politicos-brasil/2018/presidente/br/21031955-jair-bolsonaro.htm>), o candidato que assustou investidores no passado com comentários críticos sobre privatização e investimentos estrangeiros. Agora, ele já é visto como a opção mais viável contra a esquerda. Em conversas com presidentes e executivos de meia dúzia dos principais bancos do Brasil, eles dizem estar confortáveis com a escolha do principal conselheiro de Bolsonaro: Paulo Guedes, um defensor do Estado pequeno, da livre iniciativa e da reforma da Previdência Social.

Desde que trouxe Guedes para sua campanha, Bolsonaro tem mostrado entusiasmo com a ideia de vender propriedades do Estado, defender a independência do Banco Central e buscar a aprovação das reformas apoiadas pelo setor bancário.

Nem todo mundo está convencido de que ele terá sucesso.

"Os mercados financeiros estão subestimando a dificuldade do Bolsonaro para criar uma base de governo sustentável", disse Ricardo Lacerda, sócio e presidente da BR Partners, um banco de investimentos em São Paulo.

Lacerda apóia João Amoêdo, banqueiro e candidato do Novo Partido, que atrai contribuições da comunidade financeira, mas continua em sétimo lugar nas pesquisas, de acordo o Ibope e o Datafolha. Lacerda admite que seu apoio a Amoêdo o coloca na minoria, já que a maior parte de seus pares fez as pazes com Bolsonaro.

Bolsonaro, ex-capitão do Exército, ocupa o primeiro lugar nas pesquisas que excluem o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que está na prisão lutando contra acusações de corrupção. Lula, de longe o candidato mais popular, foi impedido de concorrer pelo Tribunal Superior Eleitoral na sexta-feira e seu partido, o PT, disse que vai recorrer da decisão. Lula se opõe a reformas consideradas fundamentais para manter as contas fiscais brasileiras sob controle, segundo os banqueiros.

A relação entre a dívida e o Produto Interno Bruto do Brasil deve chegar a cerca de 100 por cento em 2023, de acordo com o Fundo Monetário Internacional, em comparação com 84 por cento no ano passado. Era de 60,2 por cento em 2013.

Bolsonaro ganhou apoio generalizado no Brasil dizendo que ele afrouxaria as restrições às armas de fogo e daria mais poder à polícia. As autoridades deveriam ter armas mais letais, de acordo com Bolsonaro, que defende que aqueles que matam criminosos devem receber medalhas, não irem a julgamento. A mensagem ressoa forte em um país onde 63.880 pessoas foram assassinadas no ano passado, mais do que em qualquer outro lugar do mundo.

## Raiva pública

"O apelo que o Bolsonaro tem junto ao público em geral está relacionado à raiva contra os políticos tradicionais e contra a corrupção", disse Silvio Cascione, analista sênior do Eurasia Group para o Brasil. "As pesquisas mostram que ele é apoiado principalmente por homens da classe média e alta."

Cascione disse que Bolsonaro o convenceu durante a campanha de que está realmente comprometido com as reformas e com o estímulo ao investimento estrangeiro, embora o candidato "pareça contraditório às vezes", como quando ele defende limites às aquisições no Brasil por firmas chinesas.

Os banqueiros também têm dúvidas quanto à personalidade de Guedes, que eles dizem ser menos adequada ao trabalho em equipe necessário no governo e na formação de coalizões para promover as reformas. Eles preferem o principal assessor econômico de Alckmin, Persio Arida, ex-chairman do Banco BTG Pactual e um respeitado economista que, segundo eles, ajudaria a atrair mais autoridades talentosas para o governo.

Alckmin já provou sua capacidade de gerenciar orçamentos depois de 15 anos como governador do Estado de São Paulo, disseram os banqueiros. Ele também é do PSDB, um dos maiores partidos brasileiros, e conta com o apoio do chamado "Centrão", o que é fundamental para garantir a aprovação de reformas.

## Habilidades não testadas

Bolsonaro, por outro lado, nunca esteve no governo e não tem experiência em negociação. Sua capacidade de formar alianças também não foi testada. Ele foi membro de pelo menos oito partidos políticos e nunca liderou nenhum deles. Para esta eleição, ele é um candidato pelo pouco conhecido Partido Social Liberal, ao qual se juntou em março.

"Bolsonaro teria um relacionamento difícil com o Congresso, mas, no final, ele também conseguiria aprovar as reformas de seguridade social", disse Cascione, do Eurasia. "Ele só levaria mais tempo para isso e os resultados finais seriam mais

fracos."

Cascione considera que Bolsonaro tem uma chance de 60 por cento de passar para o segundo turno das eleições em 28 de outubro. Ele disse que a popularidade de Lula deve ajudar seu companheiro de chapa no PT, Fernando Haddad, a passar para o segundo turno também, com uma chance de 60 por cento. Ainda assim, a eleição continua muito incerta. Pesquisas do Ibope que incluem Haddad em vez de Lula sugerem que até 38 por cento dos eleitores estão indecisos, vão votar branco ou anular seu voto.

Os banqueiros disseram que a vitória de Lula ou Haddad seria o pior cenário, por causa de suas propostas para novos impostos sobre os ricos e sobre os bancos que não reduzirem juros que cobram em empréstimos. Um governo do PT provavelmente também promoveria mais intervenção estatal na economia, o que poderia levar a mais gastos e um maior déficit público, dizem os banqueiros.

Ciro Gomes, o candidato do PDT, é outra possibilidade indesejável, disseram os banqueiros, citando sua proposta de impostos sobre dividendos corporativos e planos para renegociar as dívidas dos Estados.

## Alta do dólar

Os investidores já deixaram claro sua antipatia por Lula e Haddad. O real perdeu 11 por cento em relação ao dólar desde 3 de agosto, depois que as pesquisas mostraram que o apoio de Lula estava crescendo e que Alckmin continua fraco em intenções de voto.

Outra candidata, Marina Silva, ganhou apoio de alguns dos banqueiros entrevistados, que elogiaram sua equipe econômica e o conselheiro André Lara Resende, que foi presidente do BNDES em 1998. Silva, candidata do partido Rede Sustentabilidade, apoiou o candidato do PSDB Aécio Neves na eleição de 2016 contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

Mas com Marina em segundo ou terceiro lugar nas pesquisas, os banqueiros decidiram que suas chances não são tão boas quanto as de Bolsonaro. Essa é a mesma razão pela qual alguns dos aliados de Alckmin, incluindo muitos políticos, também estão começando a abandonar o navio. Um banqueiro disse que Alckmin terá que se mostrar capaz de subir nas pesquisas durante as duas primeiras semanas de setembro, pois, caso contrário, vai ficar sozinho no barco afundando.

A última esperança para Alckmin é a campanha de TV que começou na sexta-feira, dizem os banqueiros.